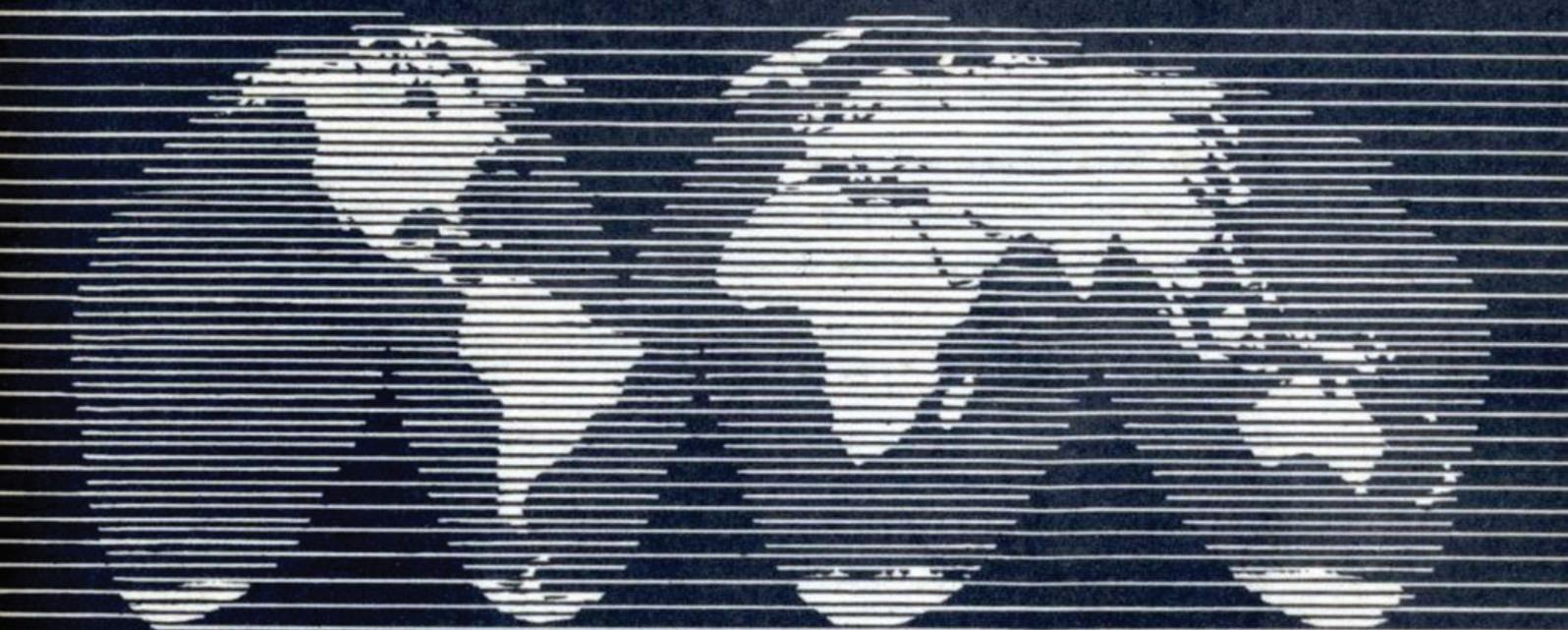


INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS — UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Cadernos de Geografia

RECORDANDO PIERRE BIROT

Entre os geógrafos franceses que mais influenciaram a nossa formação destacam-se Emmanuel de Martonne, Pierre Birot e Jean Tricart. Não admirará, portanto, que, ao sabermos do falecimento de Pierre Birot, ocorrido em 1984, tivéssemos sentido como que a obrigação de o evocar nestas páginas.

Personagem multifacetada da Geografia, ligado a Portugal por laços sentimentais e científicos, foi no âmbito da Geografia Física e, dentro desta, em especial, no da Geomorfologia que P. Birot mais se salientou.

Com efeito, e antes de mais, poderá afirmar-se que, não pretendendo criar falsas compartimentações no já longo processo de evolução da ciência geomorfológica, o Professor francês acompanhou e questionou esse mesmo processo. As preocupações metodológicas que sobressaem na maior parte da sua obra, esboçou-as num pequeno livro editado em Portugal, alguns anos depois de as ter exposto em cursos que regeu na Faculdade de Ciências do Porto e na Faculdade de Letras de Lisboa (*Essai sur quelques problèmes de morphologie générale*, Lisboa, C.E.G., 1949). Desenvolveu-as, mais tarde, num manual que viria a influenciar significativamente toda uma geração de geógrafos de várias nacionalidades (*Les méthodes de la morphologie*, Paris, P.U.F., Coll. Orbis, 1955).

Atribuindo sempre um papel importante à litologia e à tectónica no desenvolvimento das formas do relevo, como mostrou na sua interessante *Morphologie Structurale* (Paris, P.U.F., Coll. Orbis, 2 vols., 1958) e seguindo, embora de modo crítico, as ideias «davisianas» sobre a evolução cíclica do relevo, P. Birot tentou a aproximação às ideias, ainda balbuciantes em França, da chamada Geomorfologia Climática ao escrever, no Brasil, um trabalho a que deu o título particularmente sugestivo de *Le cycle d'érosion sous les différents climats* (Rio de Janeiro, 1960).

No entanto, sem menosprezar o restante, numeroso e valioso trabalho que produziu, a maior contribuição de P. Birot para o avanço da Geomorfologia parece ter sido a longa série de artigos que dedicou a estudos teóricos e experimentais, baseados em trabalhos de campo e laboratório, antes de mais no que respeita aos processos de desagregação das rochas. Artigos em variadíssimas revistas, livros e «sebentas» universitárias, foram-nos dando

a conhecer esses e outros estudos geomorfológicos, muitos dos quais vieram a ser retomados, através das suas conclusões mais importantes, no volumoso livro com que culminou uma intensa actividade de publicação — *Les processus d'érosion à la surface des continents* (Paris, Masson, 1981).

P. Birot trabalhou, igualmente, em climatologia e em biogeografia. Para além de alguns artigos que escreveu sobre essas matérias, publicou, mesmo, um notável manual de fitogeografia (*Formations végétales du globe*, Paris, SEDES, 1965) que, como muito bem dizia, «se dirige ao público desprovido de formação dita científica, em particular aos estudantes das Faculdades de Letras» (p. 5). Aí, depois de se debruçar sobre os «traços essenciais da biologia dos vegetais» e sobre «o papel biológico dos principais factores físicos», apresentou um longo e bem documentado «estudo zonal das formações vegetais».

Apesar dos estudos de grande especialização que fez, sozinho ou com vários dos seus colegas e colaboradores, manifestou, também, uma preocupação integradora dos diferentes ramos da Geografia Física, muito especialmente, no tão conhecido *Précis de Géographie Physique Générale* (Paris, Colin, 1959); com efeito, após uma primeira parte dedicada por inteiro ao clima e antes de uma terceira sobre oceanos e costas, uma segunda parte sobre «as paisagens dos continentes» orientou-se para a análise integrada do meio natural onde a componente bioclimática, sob esquematização zonal, se revela básica para a explicação das formas. Embora com características diferentes, nota-se bem a mesma preocupação integradora num outro grande livro, ricamente apresentado e ilustrado — *Les régions naturelles du globe* (Paris, Masson, 1970).

P. Birot viajou muito durante toda a sua vida. Parece ter preferido, para as suas observações, primeiro os países mediterrâneos (anos 30-50)¹, depois os países tropicais (anos 50-70)². Portugal foi, sem dúvida, um dos países que, inicialmente, mais o interessaram; trabalhou cá por várias vezes e, nos anos 40, por exemplo, trabalhou no campo com os geógrafos portugueses que viriam a organizar, em Lisboa, o primeiro Congresso Internacional de Geografia do post-guerra (1949). Na sequência disso, publicou uma boa dezena de artigos sobre áreas fulcrais da Geomorfologia portuguesa (Guarda,

¹ Cfr., por exemplo, *La Méditerranée et le Moyen-Orient* (Paris, P.U.F., Coll. Orbis, 1953 e 1956, 2 vols.). A tese de doutoramento fora, igualmente, feita na região: *Recherches sur la morphologie des Pyrénées catalanes franco-espagnoles* (Paris, 1937).

² Vários artigos publicados sobre temas geomorfológicos localizados em Madagascar, Jamaica, Porto Rico, Natal, Transval, etc.

Cova da Beira, Bacia de Mortágua, Trás-os-Montes, Estremadura), mas também, e principalmente, um longo relatório ao referido Congresso que, para extensas regiões do nosso território, foi, até há pouco tempo, o único elemento de estudo geomorfológico disponível — *Les surfaces d'érosion du Portugal central et septentrional* (Rapport de la Commission pour la Cartographie des Surfaces d'Applanissement, Congrès International de Géographie de Lisbonne, 1949, Louvain, U.G.I., 1949).

Os seus vastos conhecimentos sobre a Geografia de Portugal permitiram-lhe, ainda, escrever, na mesma época, um pequeno livro de síntese (*Le Portugal. Étude de Géographie Régionale*, Paris, Colin, 1950), do qual só mais de 20 anos depois foi feita a tradução para português (*Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, s/ data). Neste livro, além do relevo, definiu, também, as características humanas e económicas do país que apresentou tanto na parte introdutória geral, como na parte regional onde, sem esquecer as divisões históricas tradicionais (já que as integrou em conjuntos mais amplos), distinguiu cinco grandes regiões — Norte, Centro-Norte, Regiões de transição, Alentejo e Algarve.

No respeitante à Geomorfologia portuguesa, nem sempre as interpretações de P. Birot terão sido as melhores. Estudos recentes têm demonstrado que a realidade é bem mais complexa do que as primeiras observações, feitas de longe, a partir de pontos altos, e com o apoio de mapas de escalas intermédias, aqui e ali, confirmadas no pormenor, faziam supor. A ciência evoluiu e o Professor também. Desde os tempos dos seus estudos em Portugal até à sua morte, passaram muitos anos. Ainda cá regressou, nos anos 70, então com novas metodologias e mais experiência obtida em muitas outras regiões na Europa, na América e na África. Mas as suas preocupações eram já diferentes e a diferente escala — processos morfoclimáticos, neotectónica, morfometria, etc. Talvez por isso, da sua passagem entre nós fica-nos, essencialmente, a recordação dos trabalhos publicados nos anos 40, com as suas observações, as suas hipóteses (para considerar e discutir), as suas opiniões sobre as grandes linhas da evolução do relevo, em suma, todo um conjunto de páginas, por vezes, notáveis e, sempre, imprescindíveis para os estudos de Geomorfologia na maior parte de Portugal.

Quanto à globalidade da sua obra, poderá afirmar-se que, sem ter sido um nome excepcionalmente famoso na Geografia mundial, P. Birot foi um trabalhador incansável e actualizado que procurou seguir uma evolução metodológica desprovida de rupturas; porém, nunca abandonou a Geomorfologia «davisiana» — embora muito tenha escrito sobre o papel do clima no desenvolvimento das formas do relevo, não foi ele quem estabeleceu as bases teóricas de uma verdadeira Geomorfologia dita climática. No entanto, se

mais motivos não houvesse, ao pensarmos na importância que certas correntes actuais da Geomorfologia voltam a atribuir à quantificação, seja a nível da definição das formas, seja a nível da caracterização dos processos, ou na importância que outras dão aos estudos integrados do meio natural, lembramo-nos de P. Birot. Terá sido, sem dúvida, bem maior do que alguns pensam a influência que exerceu sobre todos os que com ele privaram ou simplesmente o conheceram através da sua obra.

FERNANDO REBELO e LÚCIO CUNHA